



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

## MEMÓRIA DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: UMA ANÁLISE DO ENSINO DE GEOGRAFIA NA MODALIDADE

Lucineide Alves da Silva  
(UESB)

Geisa Flores Mendes\*\*  
(UESB)

### RESUMO

O presente artigo teve como propósito compreender a dinâmica que o Ensino de Geografia assume na Educação de Jovens e Adultos (EJA) em uma das escolas da Rede Municipal de Vitória da Conquista, a Escola Frei Serafim do Amparo. Para tanto, buscou-se apresentar as Políticas Públicas voltadas para esse segmento com base em uma análise histórica da EJA. O estudo aborda também, a questão da formação e função social do professor da EJA. Para o desenvolvimento desse trabalho foi feita uma pesquisa qualitativa, por meio desta foi possível analisar o perfil desses estudantes frequentadores da EJA. Por fim, com o intuito de contemplar o objetivo proposto é apresentada a percepção da Geografia para os professores e alunos inseridos nessa modalidade, trazendo uma análise de como a disciplina é abordada no segmento enfocando materiais didáticos, conteúdos e metodologias.

**PALAVRAS-CHAVE:** Educação de Jovens e Adultos. Ensino de Geografia. Aluno trabalhador.

---

Graduanda do VIII Semestre do curso de licenciatura em Geografia pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB. Membro do Grupo de Pesquisa do CNPq intitulado Espaço Memória e Representações Sociais. E-mail: neyyde@gmail.com.

\*\* Professora da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB. Orientadora da pesquisa. E-mail: geisauesb@yahoo.com.br.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

## INTRODUÇÃO

Falar de Educação de Jovens e Adultos (EJA) no Brasil é lembrar-se de um desafio imenso, em que cada vez mais escolas e professores que atendem a essa modalidade estão buscando mudanças nos conteúdos e nas suas metodologias de ensino, na tentativa de considerar cada vez mais a realidade do aluno.

Trata-se de um país com várias desigualdades sociais, em que muitos não tiveram a possibilidade de frequentar a escola no tempo certo devido a várias situações que vão surgindo ao longo de suas vidas. São, portanto, pessoas que trazem significativas experiências de vida, com valores já estabelecidos, fato que requer uma dinâmica diferenciada em relação ao ensino regular.

No entanto, a pesquisa apresentada buscou compreender a dinâmica que o ensino de Geografia assume na EJA em Vitória da Conquista e mais especificamente, na Escola Municipal Frei Serafim do Amparo. A princípio foi feito um amplo levantamento de material bibliográfico e disponibilizado em meio eletrônico. Após essa etapa, foi feita uma pesquisa de investigação e coleta de dados na Secretaria Municipal de Educação de Vitória da Conquista. Depois foram aplicados questionários junto ao professor de Geografia e alunos.

Tal modalidade tem um importante papel a cumprir de minimizar o analfabetismo funcional que ainda se faz presente entre os brasileiros. Dessa forma manifesta-se de grande importância, a construção de uma prática pedagógica mais eficaz para essa modalidade, e para isso o professor precisa vencer as dificuldades cotidianas, buscando sempre adequações nos seus conteúdos e nas metodologias de ensino.

Diante dessa conjuntura, se faz necessário considerar as especificidades dos tempos desses estudantes, as diversas formas de organizar a vida, o trabalho, dentre outras. Este é um dos grandes desafios a vencer para as escolas que



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

atendem a EJA, e para isso é necessário encontrar respostas sobre quais referenciais deverão orientar o trabalho educativo.

A Geografia, como disciplina, tem um papel central, porque pode possibilitar uma leitura crítica de mundo, já que seu objeto de estudo é o espaço geográfico. Tal disciplina, se bem abordada, pode oferecer um arcabouço instrumental para o aluno interpretar as transformações da sociedade.

Entende-se por políticas públicas, um conjunto de ações e decisões implantadas pelo governo por meio de programas voltados especificamente para solucionar os problemas existentes nos setores da sociedade, tais como saúde, educação, previdência, moradia, dentre outros.

Na história da educação brasileira, as políticas públicas educacionais sempre estiveram sob domínio das classes elitizadas. Os modelos de educação prontos e acabados sempre foram uma forma de moldar a sociedade para seus interesses que, conseqüentemente, acabavam excluindo o indivíduo de exercer seus direitos de cidadania ocasionando profundas desigualdades sociais.

Sobre tais afirmações Silva & Neto reforçam:

O modelo de educação escolar brasileiro é constituído, desde sua gênese pela exclusão das camadas menos favorecidas economicamente. As políticas atuais para o acesso a educação pregam a universalização, mas este acesso se dá à revelia, favorecendo a elitização do saber. Para a camada economicamente favorecida proporciona-se um saber elaborado, já para os menos favorecidos, um saber estagnado (2010, p. 30).

Apesar de muitos avanços políticos e pedagógicos que visam compreender e oferecer a educação escolar nessa modalidade observa-se que ainda há uma forte tendência de reprodução de modelos do ensino regular no âmbito da EJA, o que acaba ignorando, por sua vez, as especificidades do alunado da EJA e as normas pedagógicas de organização que dão instruções a essa modalidade. Essa forma de



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

reprodução se deve a diversos fatores, um deles diz respeito à inadequação de políticas públicas que dêem um suporte a esta modalidade de ensino.

Na EJA, sempre houve jogo de interesses por parte de seus representantes ao longo dos anos. Para se compreender um pouco a materialização dessas políticas públicas é importante traçar o percurso da EJA no contexto brasileiro.

Na década de 1940, ocorre um aumento na EJA que se firmava como uma questão nacional, tomando forma de Campanha Nacional de Massa (VITÓRIA DA CONQUISTA, 2007). É nesse contexto que surgem os primeiros pensamentos políticos pedagógicos específicos para a EJA, pois em seguida “[...] foram implementadas as primeiras políticas públicas nacionais de educação escolar para adultos” (DI PIERRO, 2005, p. 1117).

Na década de 1960, surgem as propostas de Paulo Freire para alfabetização de adultos. Na proposta de Paulo Freire, as experiências, opiniões e a história de vida do indivíduo deveriam ser levadas em consideração, ou seja, “Freire propunha uma ação educativa que não negasse sua cultura, mas que a fosse transformando através do diálogo” [...] (BRASIL, 200, p.23).

Com o golpe militar na década de 1964, as ideias de Paulo Freire passam a ser ameaçadoras, suas orientações e programas de alfabetização foram dispersos por todas as partes do país (VITÓRIA DA CONQUISTA, 2007).

Durante a década de 1970, surge uma nova proposta, com a expansão do Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL) por todo o território nacional. (VITÓRIA DA CONQUISTA, 2007). O programa abria possibilidades para a continuidade de estudos aqueles que dominavam a leitura e a escrita de forma precária.

Em 1996, foi estabelecida a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), Lei nº 9394/96 sancionada pelo então Presidente Fernando Henrique Cardoso, contemplando a EJA. Logo, a EJA passa a ser uma modalidade da educação básica, nas suas etapas fundamental e média.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

Em 2000 foi o ano da aprovação do parecer nº 11/2000 – Conselho Nacional de Educação Básica (CEB) / Conselho Nacional de Educação (CNE), que trata das Diretrizes Curriculares Nacionais para a EJA. (VITÓRIA DA CONQUISTA, 2007).

No ano de 2003, “[...] o Programa Brasil Alfabetizado é criado pelo Ministério da Educação” (OLIVEIRA, p. 142, 2009). É com a iniciativa de integrar esse projeto que, o Governo do Estado da Bahia em 2007, idealizou o programa Todos Pela Alfabetização (TOPA), atendendo pessoas com 15 anos ou mais, como jovens adultos e idosos que não tiveram a oportunidade de frequentar a escola em idade adequada (OLIVEIRA, 2009, p. 65).

A EJA, em Vitória da Conquista, tem seus primeiros passos em 1975, época em que a Secretaria Municipal de Educação e Cultura (SMEC), como anteriormente era denominada amplia a oferta de vagas no município para atender aos indivíduos que não tinham acesso à educação no turno diurno, criando o terceiro turno que funcionaria das 17h. às 20h30.

A trajetória da EJA na Rede Municipal de Ensino era desenvolvida com características que não valorizavam a realidade do aluno. Tal afirmativa foi levantada por meio de uma pesquisa de campo realizada na SMED, em que por meio de análise de documentos foram identificados obstáculos que vinham contribuindo para o alto índice de evasão e repetência.

Logo, tornou-se necessário incorporar novos princípios teórico-metodológicos e de organização pedagógica, introduzindo a diferenciação nas estratégias de organização curricular. Dessa forma, em 1997, a Secretaria Municipal de Educação preocupada com as diversas realidades que envolviam a educação no município elaborou uma proposta de educação, Repensando a Educação de Adolescentes, Jovens e Adultos (REAJA), sendo aprovada pelo Conselho Municipal de Educação no final de 1998.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

A partir das necessidades e experiências cotidianas vivenciadas pelas escolas foram implantadas as turmas do Reaja, segmento I. A Proposta do segmento I que corresponde de 1<sup>a</sup> a 4<sup>a</sup> séries para Adolescentes, Jovens e Adultos, (REAJA), passa a ser realizada em quatro módulos podendo ser multimodulares, a depender do contexto do aluno.

Com o propósito de fortalecer ainda mais a EJA no município, a Secretaria Municipal de Educação implanta em 2007, o segmento II contemplando de 5<sup>a</sup> a 8<sup>a</sup> série do Reaja.

Para guiar esses segmentos a Rede municipal usa como referências os seguintes documentos: a Constituição da República Federativa do Brasil 1988, a nova Lei das Diretrizes e Bases da Educação Nacional – Lei nº 9394/96, o Parecer 11/2000 e a Resolução 01/2000- (VITÓRIA DA CONQUISTA, 2007).

O Reaja trouxe como proposta metodológica um tema gerador possibilitando um trabalho interdisciplinar. Para que haja a seleção do tema gerador a ser trabalhado se fazia necessário considerar a visão de mundo dos sujeitos sociais envolvidos no processo. (VITÓRIA DA CONQUISTA, 2007).

Diante dos aspectos mencionados, é importante destacar que após a caracterização do ensino noturno a partir de 1997, a Rede Municipal de Educação procura buscar na construção das propostas pedagógicas fundamentos e princípios que estejam conectados com a realidade do alunado e, principalmente com as metas estabelecidas. Assim, o Programa Reaja que ganhou espaço ao longo dos anos se configura até os dias atuais, como necessário na política de educação do município.

A EJA apresenta uma importante área educacional para se analisar os processos de fracassos e sucessos no âmbito das políticas públicas nacionais. Uma dessas análises diz respeito à formação dos profissionais que atuam na modalidade.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

Mesmo diante das necessidades da sociedade atual, a EJA ainda se encontra com muitas defasagens. Uma delas diz respeito à questão da formação do professor, que ainda se depara com educadores sem qualificação para o exercício. De acordo com Miguel [...] “tal fato deve-se ao descaso com que se trata essa área educacional quase sempre relegada a segundo plano no contexto da política educacional [...]” (2006, p. 257).

Em relação às questões que envolvem a formação dos professores da EJA, compreende-se que há um espaço complexo, que se confronta com a falta de ética, mas que anseia por significados seguros, o que requer uma procura audaciosa na construção de sujeitos coletivos e pessoais que possam se reconhecer criticamente na construção de sua existência (LINHARES, 2006).

Assim, o papel fundamental de educadores da EJA é ajudar o aluno a identificar o valor e a utilidade do estudo, por meio de atividades ligadas ao cotidiano, relacionar os conteúdos a atividades significativas. Além disso, cabe ao professor da EJA compreender melhor o aluno e sua realidade diária valorizando o conhecimento e as habilidades de cada um utilizando-as na sala de aula.

Para melhor conhecimento dessa realidade foram aplicados questionários nas quatro turmas da EJA segmento II. Todos os alunos que se encontravam presentes responderam ao questionário. No total foram 62 questionários respondidos, o que corresponde a 25% (vinte e cinco por cento) dos alunos.

A princípio, identificou-se que 52% (cinquenta e dois por cento) dos estudantes contemplados na pesquisa são do sexo feminino e 48% (quarenta e oito por cento) do sexo masculino.

No que concerne à idade dos estudantes, chegou-se a conclusão que a maioria tem de 15 a 17 anos de idade e que um número muito pouco expressivo em idade adulta frequenta essas turmas.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

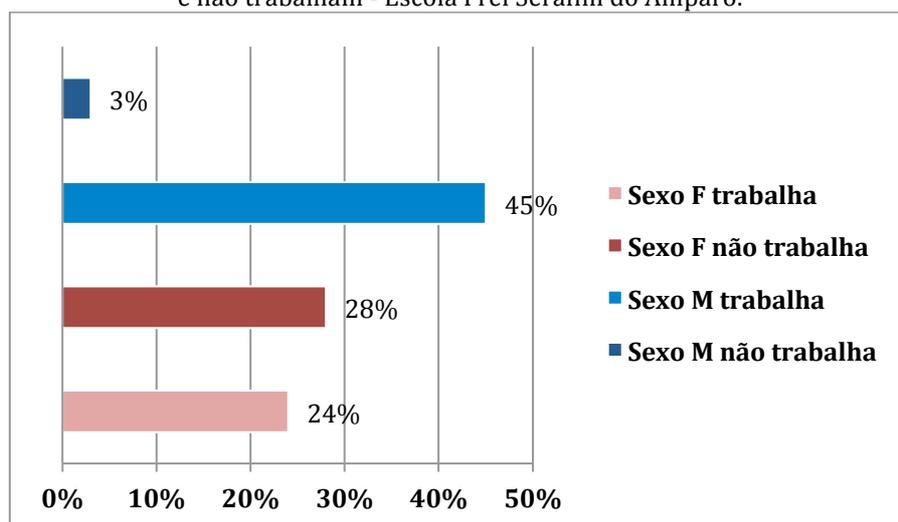
28 a 30 de agosto de 2013

Diante desse novo perfil da EJA, não há como ignorar mais a presença desse jovem como atuante na sociedade que em muito pode ajudar a contribuir para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Por meio da pesquisa foi possível detectar também que além de jovens, os estudantes da EJA são alunos trabalhadores que desde cedo já se encontram inseridos no mundo do trabalho que é fundamental nas suas vidas, particularmente, por sua condição social ou outras peculiaridades da atualidade.

Diante dessa conjuntura que envolve a essência do mundo do trabalho analisou-se os alunos que trabalham e que não trabalham por sexo. Foi constatado, entre os que trabalham que, 45% (quarenta e cinco por cento) são do sexo masculino e 24% do sexo feminino. Dos que não trabalham 3% (três por cento) são homens e 28% (vinte e oito por cento) são mulheres, como pode se verificar no gráfico a seguir:

**Gráfico 1-** Percentual de alunos trabalhadores na EJA, por sexo que trabalham e não trabalham - Escola Frei Serafim do Amparo.



Fonte: SILVA, L. A. Pesquisa de Campo, 2012.

Foi possível constatar que o número de questionários foram respondidos em sua maioria por mulheres, mas quando entra na questão dos que trabalham o quantitativo de homens no mercado de trabalho 45% (quarenta e cinco por cento) supera o percentual das mulheres que trabalham.

Do total de alunos questionados 31% (trinta e um por cento) afirmaram ter parado por causa do trabalho, 23% (vinte e três por cento) por causa da família, 14% (quatorze por cento) por desinteresse pela escola e ainda 3% (três por cento) pararam por questões de saúde.

O trabalho emerge aqui como uma das principais causas de desistência dos alunos da EJA. A estrutura educacional que sempre foi oferecida a esses alunos não se preocupou, efetivamente, com esse estudante do noturno que necessita trabalhar.

Na contemporaneidade, diante das vastas transformações e das novas exigências da sociedade moderna, surge também a necessidade de uma escola que possa oferecer contribuições para que alunos e professores possam melhor



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

entender o mundo em seu processo de transformação da realidade social, política e econômica.

No caso do ensino de Geografia na EJA no nosso país, este tem muito a contribuir com a modalidade, já que os educandos são oriundos de um contexto social e histórico que envolve a busca de vários questionamentos sobre sua realidade. Nesse aspecto, é especialmente nessa disciplina que o aluno adquire a noção de espaço, cultura, trabalho e natureza, enfim passa a socializar, compreender e relacionar sua realidade com o conhecimento adquirido na sala de aula, mas para que isso aconteça o educando tem que se deparar com um ambiente escolar que o estimule para o conhecimento valorizando este como um todo.

Com base no questionário, verificou-se que a docente responsável pelo ensino de Geografia na EJA na Escola Frei Serafim do Amparo, possui formação específica para atuar na área de Geografia, sendo graduada em Licenciatura Plena em Geografia pela UESB (Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia). Portanto, a professora estaria apta para atuar na área de formação, mas segundo a docente ela não tem formação adequada para atuar nas classes da EJA.

Quando se pergunta se a Secretária de Educação promove cursos de extensão ou especialização, seminários, palestras reuniões de estudos com a finalidade de discutir o ensino da EJA e se há orientações pedagógicas para atuar nessa modalidade, a resposta da professora é negativa. Segundo a educadora, só são oferecidas reuniões para se discutir a EJA na própria escola, como a Atividade Complementar (AC), que ocorre a cada 15 dias e o Conselho de Classe que ocorre a cada 3 meses.

Diante das informações levantadas, e tendo como ponto central da discussão o ensino de Geografia na EJA, foi questionado à professora o que seria a Geografia na sua concepção. A mesma afirmou que se trata de uma disciplina que retrata um pouco de várias ciências e tenta encontrar uma. Em relação aos critérios utilizados para a escolha dos conteúdos geográficos, a docente respondeu



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

que para a seleção dos conteúdos é utilizada a realidade dos alunos. Quanto aos recursos didáticos são utilizadas figuras recortadas de revistas e o livro da EJA, Outra indagação feita à docente foi como os alunos correspondem às práticas do Ensino de Geografia. Como resposta disse que não sabia informar com certeza e que alguns falam que gostam da maneira como a disciplina é conduzida.

Geralmente os alunos não expõem suas dificuldades e muito menos apresentam sugestões por falta de oportunidades ou por falta de uma interpretação da sua realidade na sala de aula. Sobre esse apontamento foi perguntado aos alunos se eles tinham dificuldades para estudar a Geografia. Analisou-se nos questionários aplicados que 56% (cinquenta e seis por cento) dos alunos tinham dificuldades para se estudar a Geografia e outros 44% (quarenta e quatro por cento) responderam que não apresentam dificuldades.

Nessa perspectiva foi questionado aos alunos se a disciplina Geografia poderia ser melhor, 63% (sessenta e três por cento) confirmaram que sim e os outros 37% (trinta e sete por cento) destacaram que o ensino da disciplina não precisa de melhorias. Como forma de aperfeiçoar o ensino de Geografia na escola, os 63% dos alunos que confirmaram que sim, sugeriram maior número de aulas, maior número de ilustrações, mais materiais didáticos, mais uso de computadores e utilização de mapas e aulas mais animadas.

Infelizmente, em muitas das instituições escolares, a real função da geografia é passada despercebida, é por isso que muitos dos educandos têm uma concepção fragmentada em relação à disciplina. É com esse olhar que os alunos foram questionados sobre o que se pode dizer do ensino de Geografia.

As repostas foram muito variadas, levando a perceber a complexidade de dúvidas e incertezas que os alunos têm em relação ao ensino da Geografia na EJA. De acordo com tais análises registrou-se que 35% (trinta e cinco por cento) dos alunos consideram bom, mas uma porcentagem considerável dos alunos 33% (trinta e três por cento) deixaram a questão sem informação, 8% (oito por cento),



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

disseram que a disciplina é ótima e muito importante. Para 5% (cinco por cento) dos alunos a disciplina é fundamental para aprendizagem, 3% (três por cento) acham o ensino insuficiente. Com a mesma porcentagem, mas com opiniões diferentes 3% acham a disciplina legal, 2% (dois por cento) dos alunos concordam que é interessante e difícil. Por fim, somente 1% dos alunos concordam que a disciplina é esclarecedora da atualidade.

Nesse íterim, foi questionado sobre o que a Geografia estuda. Em consonância com a pesquisa percebe-se que poucos alunos tem uma visão da Geografia que não é aquela descritiva, pois não conseguem enxergar a essência do ensino dessa disciplina como instrumento que possa favorecer interpretações para o mundo. Neste aspecto 3% (três por cento) dos alunos disseram que a Geografia estuda a globalização, 5% (cinco por cento) o espaço geográfico e 35% (trinta e cinco por cento) ignoraram a pergunta. Isso revela que muitos alunos da EJA ainda não sabem especificar o que estão estudando na disciplina.

## CONCLUSÕES

As discussões sobre a função da escola tem sido motivo de grandes polêmicas na atualidade, e vem resultando em diversos posicionamentos ligados ao modo de considerar os alunos. Em consequência dessas concepções é que se tem falado sobre o tipo de educação que a escola oferece ou deve oferecer.

Como resultado da pesquisa na Escola Frei Serafim pode-se compreender melhor a posição atual da EJA, como a evasão escolar; falta de conexão entre a escola e a comunidade; falta de atividades mais dinâmicas para que o educando se sinta motivado e tenha uma aprendizagem mais significativa; falta de estratégias mais eficientes que consigam manter esses estudantes no espaço escolar.

Do ponto de vista pedagógico a pesquisa demonstrou que a EJA ainda é tratada como um conjunto de propostas com ações descontínuas e resumidas iniciativas para sua concretização. Destaca-se, ainda, a falta de profissionais



ISSN: 2175-5493

## X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

habilitados para trabalhar com a EJA, especificamente com esse novo perfil de alunos cada vez mais jovens, bem como, a insuficiência de recursos didáticos, e, sobretudo, a carência de estratégias metodológicas direcionadas para este público específico.

O que se percebe é que o discurso do direito à educação com qualidade que tanto se fala não se concretiza com eficácia na devida escola. O que a modalidade necessita é de atenção, compromisso e de políticas públicas mais eficazes.

### REFERÊNCIAS

BRASIL. Resolução nº 1/2000, aprovada em: 5 de jul. 2000. **Estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos**. Conselho Nacional de Educação/Câmara de Educação Básica. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 9 jun. 2000.

DI PIERRO, Maria Clara. Notas sobre a redefinição da identidade e das políticas públicas de educação de jovens e adultos no Brasil. **Educação e Sociedade**, Campinas, vol. 26, n. 92, p. 1115-1139, out. 2005. Disponível em: <<http://www.cedes.unicamp.br>>. Acesso em: 12 de mar. 2012.

LINHARES, Célia, F. S. Trabalhadores sem trabalho e seus professores: Um desafio para a formação docente. ALVES, Nilda (Org.) **Formação de Professores Pensar e Fazer**. 9ª Ed. - São Paulo, Cortez, 2006.

MIGUEL, José Carlos. Tendências emergentes na formação do educador de jovens e adultos: especificidade e profissionalização. **Formação de educadores: artes e técnicas, ciências políticas**. BARBOSA, Leite ( Org.) – São Paulo: Editora UESP, 2006

OLIVEIRA, I. F. Memória e cidadania: o cotidiano do programa Todos pela Alfabetização (TOPA) no município de Bom Jesus da Lapa/ BA. **Revista da Alfabetização Solidária**, v. 8, n. 8/9, 2008/2009. São Paulo: Terceira margem, 2009.

SILVA, A. S.; NETO. J. V. A geografia na educação de jovens e adultos: Estudos de caso em uma escola estadual de Catalão – GO. **Revista Caminhos de Geografia**, nº 11, Uberlândia, 2010, p. 23- 36. Disponível em: <<http://www.ig.ufu.br/revista/caminhos.html>; ISS 16786343>. Acesso em: 18 nov. 2011.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

VITÓRIA DA CONQUISTA. Secretaria Municipal de Educação. Prefeitura de vitória da conquista- BA. **Proposta Pedagógica Educação de Jovens e Adultos**. Vitória da Conquista: SMED - Núcleo pedagógico, 2007.

VITÓRIA DA CONQUISTA. Secretaria Municipal de Educação. Prefeitura de vitória da conquista- BA. **Princípios Pedagógicos e Metodológicos da Educação de Jovens e Adultos**. Vitória da Conquista: SMED - Núcleo pedagógico, 2007.